







## A Música do Sangue

Sempre vi a poesia e música como parentes muito próximas, como se, em certas ocasiões, uma precisasse da outra para atingir um outro grau de realidade estética. Não sendo este o lugar para uma retrospectiva dessa memória tão rica que sempre ligou as duas artes, recordo, no entanto, que a tradição ocidental está cheia desses bons encontros, seja na música dita erudita, seja na ligeira – das óperas de Mozart aos *Lieder* de Schubert, das canções de Kurt Weill às de Cole Porter, George Gershwin ou, mais recentemente, de Jacques Brel, da dupla Tom Jobim / Vinícius de Moraes, Chico Buarque ou tantos outros. E para me centrar em Portugal, citaria a tradição desse género musical específico de Lisboa que é o Fado, há poucos anos reconhecido pela UNESCO como património imaterial da Humanidade.

Neste CD de Armando Nascimento Rosa e António Neves da Silva, sentimos desde o primeiro momento a profunda verdade dessa aliança indissolúvel entre os textos e as melodias que os sustentam, como se, de facto, ambas as realidades se ajustassem facilmente uma à outra e aquelas palavras precisassem daqueles sons para nos dizerem o que nos têm a dizer, adquirindo assim uma dimensão transfiguradora e mostrando-nos até que ponto música e poesia se tornam absolutamente indissociáveis.

O repertório escolhido para este álbum resulta, quanto a mim, surpreendente, na medida em que, partindo do universo pessoano, consegue fazer coexistir, lado a lado, estilos musicais e poéticos de diferentes proveniências, ora mais eruditas, ora populares, e alargando a sua esfera a outras línguas como o francês ou o inglês, mas mantendo ao mesmo tempo uma notável coerência – coerência essa que, além de musical, é sobretudo emocional, já que a cada instante põe em jogo emoções com que a poesia sempre lidou desde as suas mais remotas origens, mas sofrendo um processo de metamorfose que tanto passa pelo piano como pela voz, em modulações que ao princípio alguns poderão estranhar, mas que rapidamente se entranham no ouvido de quem as saiba escutar e se incorporam nisso a que podemos chamar a nossa memória musical colectiva.

Nessa vocação integradora reside, quanto a mim, um dos grandes méritos deste CD de Armando Nascimento Rosa e António Neves da Silva. O seu lugar é esse onde a poesia e a música se conjugam na mesma emoção sem nome definido a que, ainda assim, podemos chamar lirismo – ou nessa «música do sangue» de que falava algures Eugénio de Andrade e sem a qual nenhuma poesia faz sentido.

**Fernando Pinto do Amaral**



...a canção é uma poesia ajudada...

Fernando Pessoa

## O Piano em Pessoa

Muita da poesia de Fernando Pessoa (em especial a ortónima, mas não somente esta) manifesta uma vocação para ser cantada, havendo nela em inúmeros casos a referência à voz, ao canto, ou ao tipo de ritmo e melodia, que indiciam ter esses textos sido escritos por um poeta que parece tê-los destinado a serem canções, pensadas para uma pluralidade *heteronímica* de estilos musicais. Motivados pela atmosfera e sentido dos poemas escolhidos, nas três línguas em que Pessoa escreveu (português, inglês e francês), os temas d'O Piano em Pessoa viajam, por isso, por sonoridades que podem visitar o fado e o jazz, a bossa nova ou o blues, o cante alentejano e o tango, a *chanson française* ou a marcha popular. Num conceito de canto e piano, persegue-se e recria-se a musicalidade inerente à poesia do mais universal dos escritores portugueses. Junta-se a esta evidência, a presença muito frequente do piano como instrumento

musical convocado no imaginário da escrita pessoana; o poeta teria mesmo alguns conhecimentos de piano, graças aos ensinamentos de sua mãe que o tocava nos saraus familiares, como aquele que Pessoa evoca, no poema autobiográfico «Un soir a Lima», das suas memórias juvenis em Durban.

### ***Primórdios de Pessoa musicado***

Depois das várias criações pioneiras de Fernando Lopes Graça para canto lírico (voz e piano) com poemas pessoanos, compostas a partir de 1934 (repare-se, ainda em vida do poeta), a primeira composição original na música popular portuguesa, com um poema de Pessoa, é de José Afonso, em 1972: «No comboio descendente», do álbum *Eu vou ser como a toupeira*. No ano seguinte, no Brasil, os Secos e Molhados interpretam no seu longa duração de estreia o poema «Não, não digas nada», numa canção do músico João Ricardo para a voz de Ney Matogrosso.

Já no domínio do fado, as primeiras vozes a gravarem Pessoa foram: Teresa Silva Carvalho, em 1968, com «Sol nulo dos dias vãos» (música do Fado Menor do Porto, da autoria de José Joaquim Cavalheiro Júnior), no seu EP de estreia; Maria do Rosário Bettencourt, em EP do mesmo ano, com dois poemas pessoanos, um dos quais «Vontade e pensamento» (sobre fado de Joaquim Campos), e depois um outro em 1970, «Contemplo o que não vejo» (no Fado Alexandrino do Armandinho - Armando Augusto Freire); e Teresa Tarouca, também em 1970, que no seu primeiro álbum canta três poemas de Pessoa, um dos quais emblemático no repertório da

fadista - «Cai chuva do céu cinzento» (música do Fado das Horas, versão de Maria Teresa de Noronha).

O cinquentenário da morte de Pessoa assinalou a radicação decisiva e irreversível da sua poesia na música popular de ambos os lados do Atlântico. São exemplos disso, assaz diversos: António Variações com «Canção», ainda em 1984, no álbum *Dar & Receber*; a versão dos Rádio Macau, no mesmo ano, para «No comboio descendente», de José Afonso; em 1984, surgem também «Prece» (de *Mensagem*) e outros poemas pessoanos musicados por João Braga, em álbum seu dedicado a Amália Rodrigues, que nunca gravaria Pessoa; Janita Salomé, em 1985, com «Conta-me contos, ama», música composta para o espectáculo teatral *O Esfinge Gorda*, concebido por Mário Viegas no Teatro Aberto; o álbum *Em Pessoa*, de José Campos e Sousa, do mesmo ano; mas sobretudo no Brasil, onde além das composições para *Mensagem*, de André Luiz Oliveira, com um leque notabilíssimo de intérpretes convidados (1ª edição em 1986), importa salientar a dimensão plural do projecto *A Música em Pessoa*, de 1985, primeiro trabalho de longa duração a várias vozes exclusivamente dedicado à intersecção entre palavra e música na obra do autor, um projecto idealizado por Elisa Byington com a colaboração de Olívia Hime, no qual a par de poemas ditos sobre trilha musical se alinham, para textos de Pessoa em português, canções originais de Tom Jobim, Sueli Costa, Milton Nascimento, Edu Lobo, Dori Caymmi, Francis Hime, Olívia Byington, Arrigo Barnabé, e uma canção com poema inglês por Ritchie. O Piano em Pessoa cita por analogia o título desse álbum fundador e antológico.

## ***Genealogia descritiva de um repertório***

Em Junho de 2012, na sala de música da Escola Superior de Teatro e Cinema, onde ambos somos professores, começámos a ensaiar, eu e o António Neves da Silva, o núcleo inicial do repertório d'O Piano em Pessoa; núcleo esse constituído por canções que componho desde *teenager*, com poemas pessoais, e que viriam a ser integradas em duas peças teatrais que escrevi: *Audição – Com Daisy ao vivo no Odre Marítimo* (publicada em 2002, numa edição incluindo partituras transcritas por Paulo Jorge Pires, com estreia cénica no Teatro Maria Matos em 2003) e *Cabaré de Ofélia* (estreado em 2007 no Teatro Garcia de Resende em Évora e, no ano seguinte, no Teatro da Trindade); peças estas onde pela primeira vez na música popular em Portugal surgiram composições originais para poemas de Pessoa em inglês e em francês. A este núcleo inicial, pertencem: «Há quanto tempo não canto», onde as palavras de dolorida solidão convocaram um misto de fado e de blues; «Ma Blonde», poema de amor, escrito em francês a um mês da sua morte, para uma loura desconhecida, talvez a recentemente revelada Madge Anderson, que ocupou um lugar no coração do poeta em fim de linha; «It really doesn't matter», canção com o poema *swingante* de alcoolismo (em cujo título autoral «D.T.» estão as iniciais possíveis de *delirium tremens*) que Pessoa gostava de recitar em voz alta, e que, facto curioso, enviou em carta à inglesa Madge Anderson; «Um cantar velado e lento», em que a imagética dos versos parece convocar o cante alentejano; «Song of dirt», poema gnóstico de blasfema teologia, do heterónimo juvenil Alexander Search; e «Looking at the Tagus», num bucolismo anglófono com

uma improvável pastora tágide que canta nas margens do rio - este último tema aqui numa nova versão, assinada em parceria.

Vieram entretanto juntar-se mais seis canções, quatro delas compostas em co-autoria com António Neves da Silva, responsável pelos arranjos e versões para piano de todo este repertório, estando assim formado o conjunto de temas estreados no concerto inaugural d'O Piano em Pessoa (9/10/2012), na Aula Magna da Faculdade de Filosofia da Universidade de Barcelona, integrado no programa de um congresso académico dedicado ao escritor: «Minha boneca que tem», ao jeito de chorinho para o poema de namoro entre Fernando e Ofélia Queirós; «Um piano na minha rua», em que a bossa nova se insinuou pela sugestão do domingo soalheiro cantado nos versos, de saudosa mágoa agridoce; «Ó sino da minha aldeia», aqui numa nova e simples música, de refrão balanceado, este que foi dos primeiros poemas de Pessoa a ser cantado e gravado, em melodias de fado, pelas vozes de Teresa Tarouca (1970) e Maria da Fé (1973); «No dia de São João», quadras populares escolhidas num alinhamento para resultar em inesperada marcha de Lisboa; «Meu pobre Portugal», um requiem de Pessoa ao triste país do Estado Novo, escrito dias antes de partir da vida (e a que foi necessário mesmo enxertar o verso que faltava na última quadra), aqui numa balada em que o piano de António Neves da Silva é especial mensageiro; e «Quero beber as estrelas», fusão de dois poemas ortónimos breves, com uma atmosfera amarga, de fáustica exasperação (presente no verso escolhido para título da canção) e amores desenganados com o tango das velas na garganta. Foram criações seguintes dois temas estreados

em concerto, respectivamente, no Auditório da Casa Fernando Pessoa (31/1/2013) e no Teatro da Trindade (30/11/2013): «Olha, Daisy» - o lendário *soneto já antigo* de Álvaro de Campos, tornado aqui canção de jazz e *music hall* - e «Ouço tocar um piano» - poema a que Pessoa chamou «Transeunte», na pele de um *flâneur* lisboeta, em passo latino de rumba.

O alinhamento para este CD ficaria completo em 2017 com mais dois temas, estreados em concerto no Teatro Garcia de Resende, em Évora (7/10/2017): «Fado da censura», poema incomparável de intervenção política, explicitamente destinado ao canto, satirizando a instauração da censura pela ditadura militar de 1926 (José Barreto data-lhe a escrita em 1927), e o único que Pessoa escreveu no formato de décimas, da tradição poética popular, que era corrente nas letras do fado oitocentista; e «Rivers», um poema inglês com algo de *gospel* segundo a heterodoxia espiritual de Pessoa, e que, nesta versão forjada pelo António Neves da Silva, ficou bem mais jazzística do que aquela com que, pela primeira vez, o interpretei ao vivo no Estrela Hall, a velhinha sala dos Lisbon Players - integrando o elenco da carreira cénica da peça *Blind Eye*, de Susannah Finzi, em estreia mundial, encenada por Valerie Braddell em Março de 2014.

E estando nós a sair da primeira sessão de gravações, no MR Estúdio, do maestro Mário Rui Teixeira, no concelho de Sintra, soubemos de imediato que só ali poderia acontecer a feitura deste CD, ao lermos na placa de azulejos o nome da rua onde o estúdio se situa: Fernando Pessoa.

**Armando Nascimento Rosa**



### 1. Há quanto tempo não canto

(14/6/1930)

Há quanto tempo não canto  
Na muda voz de sentir.  
E tenho sofrido tanto  
Que chorar fora sorrir.

Há quanto tempo não sinto  
De maneira a o descrever,  
Nem em ritmos vivos minto  
O que não quero dizer...

Há quanto tempo me fecho  
À chave dentro de mim.  
E é porque já não me queixo  
Que as queixas não têm fim.

Há quanto tempo assim duro  
Sem vontade de falar!  
Já estou amigo do escuro  
Não quero o sol nem o ar.

Foi-me tão pesada e crescida  
A tristeza que ficou  
Que ficou toda a vida  
Para cantar não sonhou.

### 2. Ó sino da minha aldeia

(12/1924)

Ó sino da minha aldeia  
Dolente na tarde calma,  
Cada tua badalada  
Soa dentro da minha alma.

E é tão lento o teu soar,  
Tão como triste da vida,  
Que já a primeira pancada  
Tem o som de repetida.

Por mais que me tanjas perto  
Quando passo, sempre errante,  
És para mim como um sonho,  
Soas-me na alma distante.

A cada pancada tua,  
Vibrante no céu aberto,  
Sinto mais longe o passado,  
Sinto a saudade mais perto.

### 3. Um piano na minha rua

(25/2/1917)

Um piano na minha rua...  
Crianças a brincar...  
O sol de domingo e a sua  
Alegria a doirar...

A mágoa que me convida  
A amar todo o indefinido...  
Eu tive pouco na vida  
Mas dói-me tê-lo perdido.

### 4. It really doesn't matter [D.T.]

(s/d)

The other day indeed,  
With my shoe, on the wall,  
I killed a centipede  
Which was not there at all.  
How can that be?  
It's very simple, you see -  
Just the beginning of D.T.

When the pink alligator  
And the tiger without a head  
Begin to take stature  
And demanded to be fed,  
As I have no shoes  
Fit to kill those,  
I think I'll start thinking:  
Should I stop drinking?

But it really doesn't matter...  
Am I thinner or fatter  
Because this is this?  
Would I be wiser or better  
If life were other than this is?

No, nothing is right.  
Your love might  
Make me better than I  
Can be or can try.  
But we never know  
Darling, I don't know  
If the sugar of your heart  
Would not turn out candy...  
So I let my heart smart  
And I drink brandy.

Then the centipede come  
Without trouble.  
I can see them well.  
Or even double.  
I'll see them home  
With my shoe,  
And, when they all go to hell,  
I'll go too

Then, on a whole,  
I shall be happy indeed,  
Because, with a shoe  
Real and true,  
I shall kill the true centipede -  
My lost soul...

## 5. *Ma Blonde*

(22/11/1935)

*Le sourire de tes yeux bleus,  
Ma blonde.*

*Je rêve, absent de ce baiser  
Où fonde  
Mon coeur, un espoir si léger  
Qu'il n'ose rien en esperer,  
Ma blonde.*

*Peut-être dans un autre tour  
Ou ronde  
Tu m'aimeras, et rien qu'un jour,  
Qu'un baiser, fera tout l'amour,  
Ma blonde.*

*Je n'ai que faire de ces cieux  
Du monde  
Que parce que les cieux sont bleus  
Et fond rêver de tes beaux yeux,  
Ma blonde.*

*La lumière, don't l'or riant  
M'inonde,  
Ne sert qu'à me faire constant  
à l'or de tes cheveux absents,  
Ma blonde.*

*Oh, je sais bien que tout destin  
Me gronde.  
Mais qu'y faire ? Je t'aime bien  
De mon amour toujours lointain.  
Laisse-moi te le dire en vain,  
Ma blonde.*

## 6. *Minha boneca que tem*

(1920)

*Fiquei doído, fiquei tonto...  
Meus beijos foram sem conto,  
Apertei-a contra mim,  
Aconcheguei-a em meus braços,  
Embriaguei-me de abraços...  
Fiquei tonto e foi assim...*

*Sua boca sabe a flores,  
Bonequinha, meus amores,  
Minha boneca que tem  
Bracinhos para enlaçar-me,  
E tantos beijos p'ra dar-me  
Quantos eu lhe dou também.*

*Ah que tontura e que fogo!  
Se estou perto dela, é logo  
Uma pressa em meu olhar,  
Uma música em minha alma,  
Perdida de toda a calma,  
E eu sem a querer achar.*

*Dá-me beijos, dá-me tantos  
Que, enleado nos teus encantos,  
Preso nos braços teus,  
Eu não sinta a própria vida,  
Nem minha alma, ave perdida  
No azul-amor dos teus céus.*

*Não descanso, não projecto  
Nada certo, sempre inquieto  
Quando te não beijo, amor,  
Por te beijar, e se beijo*

Por não me encher o desejo  
Nem o meu beijo melhor.

### 7. No dia de São João

(datação das quadras: s/d; s/d; s/d;  
4/8/1934; s/d; s/d; s/d; 27/2/1935)

Caiu no chão a laranja  
E rolou pelo chão fora.  
Vamos apanhá-la juntos,  
E o melhor é ser agora

A laranja que escolheste  
Não era a melhor que havia.  
Também o amor que me deste  
Qualquer outra mo daria

No dia de São João  
Há fogueiras e folias  
Gozam uns e outros não,  
Tal qual como os outros dias

No baile em que dançam todos  
Alguém fica sem dançar.  
Melhor é não ir ao baile  
Do que lá estar sem lá estar

O manjerico comprado  
Não é melhor que o que dão.  
Põe o manjerico ao lado  
E dá-me o teu coração

Entreguei-te o coração.  
E que tratos tu lhe deste!  
É talvez por estar estragado  
Que ainda não mo devolveste...

Só com um jeito do corpo  
Feito sem dares por isso  
Fazes mais mal que o demónio  
Em dias de grande enguiço.

És Maria da Piedade,  
Pois te chamaram assim.  
Sê lá Maria à vontade,  
Mas tem piedade de mim.

### 8. Song of Dirt

(Alexander Search; s/d)

Come, let us speak of dirt!  
God's curse is on our head.  
Let our lips irreverence blurt!  
We are sufferers all; let us, instead  
Of prayer, offer God the sacrifice  
Of our minds that he curst with  
crime and vice,  
Of our frames that diseases make  
dread!

Let us offer the tyrant of all,  
To hang in the hall of his palace of  
pain,  
A funeral pall,  
And a bride's white dress with a stain,  
And a widow's weeds, and the  
crumpled sheets  
From the bed of the wife.  
Let them be symbols of human strife!  
Give we God the dirt of the streets  
Of our spirit, made mud with our  
tears,

The dust of our joys, the mire of our  
fears,  
And the rot of our life!

### 9. Um cantar velado e lento

(17/3/1931)

No fundo do pensamento  
Tenho por sono um cantar,  
Um cantar velado e lento,  
Sem palavras a falar.

Se eu o pudesse tornar  
Em palavras de dizer  
Todos haviam de achar  
O que ele está a esconder.

Todos haviam de ter  
No fundo do pensamento  
A novidade de haver  
Um cantar velado e lento.

E cada um, desatento  
Da vida que tem que achar,  
Teria o contentamento  
De ouvir esse meu cantar.

### 10. Ouço tocar um piano [Transeunte]

(21/8/1921)

Ouço tocar um piano, e ao fundo  
Da música rir. Falto  
Ao sonho, olho; é nesse segundo  
Andar do prédio alto.

De vozes jovens tanta alegria!  
Falsa talvez? Sei-o eu?  
Que inveja daquele prazer me esfria!  
Vulgar? Mas não é meu.

Ali naquele segundo andar  
Talvez sejam felizes.  
Passo e o meu sonho daquele lar  
É como um sonho de outros países

### 11. Looking at the Tagus

(s/d)

*She led her flocks beyond the hills,  
Her voice backs to me in the wind,  
And a thirst for her sorrow fills  
All that in me is undefined.*

*Spiritual lakes walled round with  
craggs  
Sleep in the hollows of her song.  
There her unbathing nudeness lags  
And looks on its pooled shadow long.*

*But what is real in all this is  
Only my soul, the eve, the quay  
And, shadow of my dream of this,  
An ache for a new ache in me.*

### 12. Meu pobre Portugal

(08/11/1935)

*Meu pobre Portugal,  
Dóis-me no coração.  
Teu mal é o meu mal  
Por imaginação.*

*Tão fraco, tão doente,  
E com a boa cor  
Que a tísica põe quente  
Na cara, o exterior.*

*Meu pobre e magro povo  
A quem deram, às peças,  
Um fato em estado novo  
Para que o não pareças!*

*Tens a cara lavada,  
Um fato de se ver  
Mas não te deram nada  
Coitado, que comer.*

E aí, nessa cadeira,  
Jazes, apresentável.  
[Pois chamam-te à primeira]  
O transeunte amável.

### 13. Olha, Daisy [Soneto já antigo]

(Álvaro de Campos; 12/1913 ou 1915)

*Olha, Daisy: quando eu morrer tu  
hás-de  
dizer aos meus amigos aí de Londres,  
embora não o sintas, que tu escondes  
a grande dor da minha morte. Irás de*

*Londres p'ra York, onde nasceste  
(dizes...  
que eu nada que tu digas acredito...)  
contar àquele pobre rapazito  
que me deu tantas horas tão felizes,*

embora não o saibas, que morri.  
Mesmo ele, a quem eu tanto julguei  
amar,  
nada se importará. Depois vai dar

a notícia a essa estranha Cecily  
que acreditava que eu seria grande...  
Raios partam a vida e quem lá  
ande!...

#### 14. Quero beber as estrelas

(9/1950 ; 20/08/1950)

Neste dia de tristeza  
Em que a chuva começou,  
Quero dizer-te a verdade  
Porque mentir acabou.

Não foi verdade eu amar-te  
Quando disse que te amava,  
Mas amo agora deveras,  
Sou hoje quem se enganava.

Juras falsas as que fiz.  
E hoje verdades são.  
Eu quero ser infeliz  
P'ra saber que há coração.

Tirem-me a coleira de lata  
Com que fui cão do destino.  
Meu coração que se parta  
Como um boneco sem menino.

Não, não saiam das vielas!  
Não, não cantem que eu acabo!  
Quero beber as estrelas  
Num dos cornos do diabo!

#### 15. Rivers

(s/d)

Many rivers run  
Down to many seas  
All my cares are one:  
On what river of these  
Could my heart have peace

Two banks to each river.  
None where I may stray  
Hearing the rushes shiver  
And seeing the river ever  
Pass, yet seem to stay.

Maybe there is another  
River, but far from Me.  
There I may meet the Brother  
Of my eternity.  
In what God will this be?

#### 16. Fado da Censura

(1927?)

Neste campo da Política  
Onde a Guarda nos mantém,  
Falo, responde a Censura;  
Olho, mas não vejo bem  
Há um campo lamacento  
Onde se dá bem o gado;  
Mas, no ar mais elevado,  
Na altura do pensamento,

Paira um certo pó cinzento,  
Um pó que se chama Crítica.  
A ideia fica raquítica  
Só de sempre o respirar.  
Por isso é tão mau o ar  
Neste campo da Política.

Às vezes, nesta planura,  
Se o vento sopra do Norte,  
O pó torna-se mais forte,  
E chama-se então Censura.  
É um pó de mais grossura,  
Sente-se já muito bem,  
E a Ideia, batida, tem  
Uma impressão de pancada,  
Como a que dão numa esquadra  
Onde a Guarda nos mantém.

O pó parece que chove,  
Paira em todos os sentidos,  
Enche bocas e ouvidos,  
Já ninguém fala nem ouve.  
Se a minha boca se move,  
Logo à primeira abertura  
A enche esta areia escura.

*Só trago e me oiço tragar,  
É uma conversa a calar.  
Falo, responde a Censura.*

*Vem então qualquer vizinho,  
Dos que podem abrir boca;  
No braço, irado, me toca,  
E diz, «Não vê o caminho?  
O seu dever comezinho  
De patriota aí tem.  
Vê o caminho e não vem?!»  
Para isso, bolas aos molhos!  
Se este pó me entrou prós olhos,  
Olho, mas não vejo bem.*

## **Agradecimentos**

Ao maestro Mário Rui Teixeira, que procedeu à gravação e masterização das canções deste CD, assim como ao José Moças, que desde a primeira hora acolheu a edição d'O Piano em Pessoa na sua chancela Tradisom.

Ao Fernando Pinto do Amaral, pelo seu incedível texto de apresentação deste CD, que muito nos honra, bem como pelo incentivo perene e pelas palavras de apreço do Professor Eduardo Lourenço, que são luminosa dádiva.

Um agradecimento prioritário ao Gabinete de Projectos Especiais e Inovação do Instituto Politécnico de Lisboa, coordenado por José Manuel Cavaleiro Rodrigues, cujo subsídio tornou possível a presente edição fonográfica, bem como à parceria e ao apoio concedidos pela Casa Fernando Pessoa, sob a direcção de Clara Riso, onde tem lugar o concerto de lançamento deste CD.

Agradecimentos ao CIAC (Centro de Investigação em Artes e Comunicação), com sede na Universidade do Algarve, pelo apoio concedido, nomeadamente para o concerto de estreia no Congresso *Fernando Pessoa en Barcelona*, em 2012, e ao Centro de Artes da Universidade Federal Fluminense (Niterói), que proporcionou a nossa digressão ao Rio de Janeiro

em junho de 2015, integrado no programa do Projeto Orpheu-Pessoa, com curadoria de Gilberto Gouma.

Um agradecimento especial ao fotógrafo Pedro Soares, responsável pela criação do historial de imagem d'O Piano em Pessoa, bem como ao Luís Santo Vaz, que registou em vídeo alguns dos nossos espectáculos, e ainda ao Erick Gouma, que filmou e editou a reportagem da digressão ao Brasil.

Um forte agradecimento a todos aqueles que, até esta data possibilitaram e/ou colaboraram para a realização e promoção dos concertos d'O Piano em Pessoa em Portugal, Espanha e Brasil, entre 2012 e 2017, nomeadamente: Paulo Borges; Daniel Moreira Duarte; Inês Pedrosa; Carmo Mota; Rui Sérgio; Hugo Paulito; Mirian Nogueira Tavares; Paulo Sousa Costa; Alberto Lopes; Luís Saraiva; Ana Rita Clara; José Maria Dias; Graziela Dias; José Alberto Henriques; José Russo; António Rebocho; Teresa Caetano; Manuel Coelho; Gilberto Gouma; Leonardo Guelman; e Ricardo Belo de Moraes.

Uma menção grata aos actores, cantores e instrumentistas que interpretaram em diversos palcos as seis canções do núcleo inicial do repertório d'O Piano em Pessoa, entre 2002 e 2015: Inês Nogueira; Filipe Raposo; Eduardo Dias; Bruno Moraes; Catarina Luís; Paulo Jorge Pires; Fernando Almeida; Fernanda da Gama; Duarte Andrade; Sérgio Gomes; Catarina Matos; Hugo Sovelas; Cheila de Lima; Ulf Ding; João Bastos; Luís Cardoso; Nicki Bailey; Paula Só; Marco P. Rodrigues; José Henrique Neto; e Breno Pessurno, artista nosso convidado nos concertos do Rio de Janeiro.

Uma palavra de reconhecimento para com os inúmeros investigadores que, ao longo de oito décadas, foram procedendo à fixação e edição póstuma

da infinita e labiríntica obra poética de Fernando Pessoa, desde Maria Aliete Galhoz e João Gaspar Simões, até às mais recentes, revistas e ampliadas edições consultadas, de Teresa Rita Lopes, de Luísa Freire (poesia inglesa), de Manuela Parreira da Silva, Ana Maria Freitas e Madalena Dine.

Um agradecimento final a todos quantos têm acompanhado a existência d'O Piano em Pessoa, assistindo a concertos ou simplesmente deixando o seu «gosto» na nossa página de Facebook: <https://www.facebook.com/opiano.empessoa/>

## **O Piano em Pessoa**

Voz: **Nascimento Rosa**

Piano: **António Neves da Silva**

### **Autorias:**

Poemas: **Fernando Pessoa**

Música de **Armando Nascimento**

**Rosa** (1, 3, 4, 5, 8, 9, 10, 14, 16)

Música de **Armando Nascimento**

**Rosa e António Neves da Silva**

(2, 6, 7, 11, 12, 13, 15)

Arranjos e versões para piano de

**António Neves da Silva**

Gravação e masterização:

**Mário Rui Teixeira**

MR Estúdio, Manique de Cima,

Sintra (2017)

Fotografia: **Pedro Soares**

Design: **Rodrigo Madeira**

